

## **Olha! Recife: Uma Política Pública de Turismo que Impulsiona a Errância Urbana e o Fluir pela Cidade?<sup>1</sup>**

João Pedro ARAÚJO<sup>2</sup>  
Rebecca CISNE<sup>3</sup>

Faculdade de Comunicação, Tecnologia e Turismo - FACOTTUR

### **RESUMO**

Neste artigo propõe-se averiguar se através de políticas públicas voltadas para o turismo podem-se gerar fluxos psicológicos por meio da errância urbana no tempo livre dos turistas cidadãos. Para isso, realizou-se pesquisa de levantamento no período de 01 a 09 de abril de 2016 junto aos participantes do programa “Olha! Recife”. Os dados foram analisados a partir de uma abordagem quali-quantitativa, utilizando-se uma aproximação ao método tipológico. Os resultados trazidos pelo artigo revelam o programa proporciona o fluir pelo Espaço Urbano, mas não gera a errância urbana tampouco estados de fluxo no turista cidadão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Turismo; Estado de fluxo; Errância Urbana; Comunicação.

### **INTRODUÇÃO**

Pensar turismo hodiernamente implica, quase sempre, pensar no estrangeiro, no forasteiro, no “outro”, naquele que “vem de fora”. As Políticas Públicas de Turismo, de maneira geral, aplicam igualmente essa ideia.

Na contramão desse pensar, a Prefeitura de Recife-PE pensa Turismo não apenas para o “forasteiro”, mas também para o morador da cidade, considerado aqui não apenas o morador de Recife, mas de toda a Grande Recife (Região Metropolitana, que compreende quatorze municípios: Jaboatão dos Guararapes, Olinda, Paulista, Igarassu, Abreu e Lima, Camaragibe, Cabo de Santo Agostinho, São Lourenço da Mata, Araçoiaba, Ilha de Itamaracá, Ipojuca, Moreno, Itapissuma e Recife), com programas de sensibilização turística, como o “Olha! Recife”, criado entre 2010 e 2011, objeto de estudo deste artigo.

O objetivo do programa é fazer a integração do Pernambucano com o turismo, oportunizando a sociedade lazer agregado a um novo olhar sobre a cidade, com fins de elevar o sentimento de pertencimento social e autoestima, promovendo novas ideias e posturas sociais de valorização das tradições socioculturais e da vocação turística de Recife (OLHA RECIFE, 2015).

O programa “Olha! Recife” é dividido em quatro modalidades, com roteiros semanais: a pé, de ônibus, no rio e pedalando. O “Olha! Recife” a pé é a modalidade que oferece roteiros

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Bacharelado em Turismo pela Facottur, 5º semestre, email: joaopedroaraujo.09@gmail.com

<sup>3</sup> Mestre em Turismo pela UCS, Especialista em Ensino e Aprendizagem de língua estrangeira pela UCS, Bacharel em Ecoturismo pelo Iesam. email: recebeccacisne@gmail.com

caminhando pelos principais atrativos da cidade, vivenciando o dia a dia do cidadão recifense através da perspectiva de 50 roteiros diferentes. Na modalidade de ônibus são trabalhados 55 roteiros. Já no “Olha! Recife” no rio, os passeios buscam sensibilizar a comunidade recifense quanto ao cuidado com a cidade, a importância do rio Capibaribe e a história do surgimento da chamada várzea do Capibaribe e os engenhos que originaram os bairros da zona norte e da zona oeste da cidade através de 4 roteiros. E, por fim, na modalidade pedalando percorre-se os atrativos turísticos em 27 roteiros (OLHA RECIFE, 2015).

Com vistas ao exposto, o objetivo deste artigo é investigar, a partir do programa “Olha! Recife”, se políticas públicas de turismo voltadas para o autóctone podem contribuir para gerar os fluxos psicológicos assim como espaciais, por meio da errância urbana, gerando turistas cidadãos.

Disso emerge então a problemática deste estudo: é possível, através de políticas públicas de cidadania turística gerar fluxos psicológicos por meio da errância urbana no tempo livre dos turistas cidadãos?

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir das seguintes etapas: “1. Levantamento bibliográfico; 2. entrevistas com pessoas que tiveram experiência prática com o assunto; e 3. Análise de exemplos que estimulem a compreensão”, características que, segundo Selltiz et al (apud GIL , 2010, p. 27), classificam uma pesquisa como exploratória.

Quanto à natureza, este estudo é quali-quantitativo, que segundo Michel (2005) quantifica e enumera opiniões, transformando seus resultados a uma análise crítica qualitativa. Na presente investigação opiniões e percepções sobre o objeto de estudo foram percentualizados e submetidos à análise crítica qualitativa, o que permitiu levantar atitudes e pontos de vistas, preferências e experiências que os sujeitos têm a respeito do “Olha! Recife”.

Quanto ao método de procedimento para análise de dados, utilizou-se uma aproximação ao método tipológico, no qual “o pesquisador cria tipos ou modelos ideais, construídos a partir da análise de aspecto essenciais do fenômeno. A característica principal do tipo ideal é não existir na realidade, mas servir de modelo para a análise e compreensão de casos concretos, realmente existentes” (MARCONI & LAKATOS, 2010, p. 91). Esta escolha se justifica, pois nesta investigação são contrapostos os modelos ideais trazidos na literatura acerca dos fluxos psicológicos e errância urbana, às experiências dos sujeitos da pesquisa, para que se pudesse investigar se as políticas públicas de turismo podem impulsionar a errância urbana, donde resultam fluxos psicológicos positivos.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi o questionário. Foram aplicados 26 questionários online, criados na plataforma *Google Docs*®, e enviados no período de 01 de abril de 2016 a 19 de maio do mesmo ano através de mensagens *inbox* no *Facebook*® para os sujeitos da pesquisa, os quais foram abordados por meio dos comentários deixados na página oficial do Programa na mesma rede social. Outros 63 questionários foram aplicados fisicamente durante o circuito realizado no dia 09 de abril de 2016. Nos questionários aplicados online havia uma pergunta filtro sobre quem já participou, houve 4 ocorrências negativas, culminando na exclusão destes questionários. O questionário teve 5 sessões: a pergunta filtro; 1 pergunta sobre dados de frequência no Programa; 3 perguntas sobre as informações socioeconômicas; 1 pergunta acerca do uso do tempo livre; e, por fim, 2 perguntas sobre as experiências de fluxo psicológico ao longo dos roteiros do “Olha! Recife”, totalizando 8 perguntas, todas de múltipla escolha.

## **FLUIR: A EXPERIÊNCIA DO USO DO TEMPO LIVRE**

Da falta de tempo diária e a correria do dia a dia emergem questões como “Como as pessoas passam os dias?” e “O que proporciona prazer?”. Na busca por responder essas questões o psicólogo Csikszentmihalyi (2009) afirma que de forma geral os indivíduos passam os dias inconscientes da vida emocional e sem contato algum com ela. Disso resultariam, segundo ele, saltos constantes de um extremo a outro: vive-se com ansiedade o trabalho cotidiano e imerge-se em um tédio durante o ócio.

O autor aponta para três principais tipos de atividades que se empregam socialmente nos tempos livres (classes do ócio): 1) Uso dos meios de comunicações; 2) Conversação; 3) Utilização mais ativa do tempo livre, expressa na realização de atividades de lazer, como a prática de esportes, por exemplo.

Com a evolução da tecnologia e a utilização da maior parte do tempo em trabalho, como complementa o autor, as pessoas cada vez mais se tornam alienadas e acabam negligenciando busca por viajar, conhecer novos lugares, entre outras coisas que o ócio criativo possa oferecer. Ressalta-se que quando se fala em ócio criativo neste contexto, fala-se das atividades onde devem emergir “a criação de um valor e, junto com isso, divertimento e formação” (DE MASI, 2000, p. 7). Isso faz com que o turismo não seja prioridade para grande parte da população, pois muitos preferem ficar em casa, desfrutando do seu descansar fazendo atividades como assistir TV, navegar na internet e usando redes e mídias sociais como forma de entretenimento, que podem ser classificadas como atividades passivas do uso do tempo livre.

O fator conversação, relatada pelo autor, vem como a segunda priorização das pessoas. Muitas em seu tempo de ócio buscam por interação, tanto conhecendo novas pessoas como tendo contato com amigos, em saídas ou outras atividades. No entanto, ainda relacionado à primeira, esta atividade também tende a tornar-se menos frequente pois, tendo em vista a acessibilidade aos meios de comunicações, as pessoas tendem a optar por conversações e interações online.

No que se refere à utilização mais ativa do tempo livre, entende-se que a fuga das rotinas espaço-temporais acontece no uso do tempo livre ou tempo de ócio, o que constitui, segundo Csikszentmihalyi (2009), um quarto do nosso tempo total. A importância de entender o uso do tempo livre se dá, pois, “según muchos pensadores del pasado, los hombres y las mujeres sólo podían realizar su potencial cuando no tenían nada que hacer.” (CSIKSZENTMIHALYI, 2009, p. 22). O autor ainda explica que “los filósofos griegos afirmaron que es durante el ocio cuando nos hacemos verdaderamente humanos por poder dedicar tiempo al desarrollo de uno mismo” (p. 22).

Devido à profunda imersão nas atividades habituais, a maioria das pessoas acaba adiando o ócio criativo, não executando novas experiências que a vida pode oferecer-lhes, com isso, deixam de obter novos conhecimentos e experiências capazes de agregar diversos valores pessoais ou ainda, fluxos psicológicos ou estados de fluxo.

Segundo Csikszentmihalyi (2009, p. 43) “el estado de *fluir* tende a producirse cuando las capacidades de una persona están plenamente involucradas en superar un reto que es posible afrontar”. Alcançar o estado de fluxo, segundo o autor, requer um equilíbrio entre as capacidades, pois,

las experiencias óptimas habitualmente implican un delicado equilibrio entre las capacidades que tenemos para actuar y las oportunidades disponibles para la acción. Si los desafíos son demasiado altos, nos quedamos frustrados, después preocupados y, por último, ansiosos. Si los desafíos son demasiado bajos con relación a nuestras capacidades nos sentimos relajados y después aburridos (CSIKSZENTMIHALYI, 2009, p. 43)

Ainda sobre esse equilíbrio o autor também explica que quando convidados a envolverem-se de forma participativa, revelando suas capacidades, os indivíduos tornam-se capazes de separar os estados de fluidez das experiências ordinárias. Cabe ainda ressaltar que, de acordo com o psicólogo, cada indivíduo impõe a si mesmo limites sobre o que *pode* fazer ou sentir, ou seja, experienciar. [grifo do autor].

Ele também explica que é preciso dar atenção para as atividades de forma a estabelecer intenções a fim de instituir metas. “Las intenciones centran la energía psíquica a corta plazo,

mientras que las metas tienden a establecerse más a largo plazo” (CSIKSZENTMIHALYI, 2009, p. 34). A motivação, de acordo com o autor, está relacionada à duração temporal e à intensidade com a qual se mantém uma meta. Essas metas, nas palavras do autor, “se disponen normalmente en una jerarquía, desde las más triviales, como ir a la heladería para comprar un helado, hasta llegar a arriesgar la vida por el propio país” (CSIKSZENTMIHALYI, 2009, p. 34). O psicólogo ainda explica que sem uma série sólida de metas é difícil desenvolver um Eu coerente.

Conclui-se, portanto, que o estado de fluidez pode ser alcançado por meio da vivência, a qual requer metas e intenções claramente estipuladas. “Vivir significa experimentar a través del hacer, del sentir y del pensar.” (CSIKSZENTMIHALYI, 2009, p. 17). No entanto, para viver e construir experiências precisa-se de tempo, um recurso cada vez mais escasso hodiernamente. Conforme já mencionado anteriormente, de maneira geral investe-se tempo nas obrigações e, o tempo de ócio é pouco investido em atividades donde se possa emergir o ócio criativo, ou seja, em viver novos momentos, sentimentos e pensamentos, que tragam experiências que possam acrescentar sentidos à vida pessoal dos indivíduos. “Por supuesto, la forma que tenemos de intervenir el tiempo no es una decisión exclusivamente nuestra” (CSIKSZENTMIHALYI, 2009, p.17).

Mesmo que seja de vontade própria fazer algumas ocupações, não se podem deixar de lado os afazeres, mas sim, buscar um equilíbrio entre a rotina, que de certa forma também pode acumular algumas experiências, com o interesse em viver de uma maneira de diferente de seu habitual, experimentando novas práticas sociais, onde estaria também o Turismo<sup>4</sup>.

## **ERRÂNCIA URBANA: O FLUIR PELO ESPAÇO GEOGRÁFICO EM EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS**

Até então, tem-se tratado a noção de fluxo de forma bastante diferente da que corriqueiramente é abordado em estudos do turismo. Isto porque usualmente, no campo do Turismo, a ideia de fluxo é abordada à luz da geografia e, até então este estudo o abordou sob as lentes da psicologia.

No entanto, ao se falar em Turismo hodiernamente tendo como plano de fundo a noção de nomadismo e errância, é fundamental também buscar os aportes da geografia. Nesse sentido, Cisne (2011, p. 366) ao falar de fluxos, tendo como bojo os roteiros turísticos, explica que “os fluxos são produto e resultante do espaço, da interpretação do Sujeito Turístico e de suas

---

<sup>4</sup> Entendemos por Turismo as atividades de fuga das rotinas espaço-temporais (GASTAL, 2005)

manifestações particulares. O mundo em movimento supõe uma permanente redistribuição dos eventos e dos fluxos com a valorização diferencial dos lugares”. Ou seja, o fluxo se constrói pela interação entre Sujeito e Espaço, valorizando os Lugares.

Do fluxo emerge a errância, uma “expressão de uma outra relação com o outro e com o mundo, menos ofensiva, mais carinhosa, um tanto lúdica, e seguramente trágica, repousando sobre a intuição da impermanência das coisas, dos seres e de seus relacionamentos” (MAFFESOLI, 2001, p. 29). Portanto, ser errante é muito mais que o desejo simples de sair pelo mundo afora, é em si, uma comunhão do bem-estar com a nossa espiritualidade, é agregar certa liberdade, na qual nos proporciona uma nova experiência, aventuras, que vai trazer uma realização ao ser e sendo assim, atribuindo a pulsão pela errância. “Numerosas são as ocasiões de todo tipo em que se ‘soltam as amarras’, em que a pessoa se exila ou foge a fim de restituir o sabor àquilo que, sob pesados golpes de rotina, perdeu-o quase que totalmente” (MAFFESOLI, 2001, p. 77). Isso significa que o errante “busca um modo de escapar da solidão gregária própria da organização racional e mecânica da vida social moderna” (MAFFESOLI, 2001, p. 70). Ou seja, o errante busca o uso criativo do ócio através da mobilidade, do Turismo.

No ambiente urbano, o errante seria aquele que ama a rua na sua completude e a compreende em sua forma. O relato de João do Rio explica bem esta relação:

para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhes as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos flâneur e praticar o mais interessante dos esportes – a arte de flânar (BARRETO apud JACQUES, 2005, p. 21).

Todos praticaram a errância cotidianamente, tendo esta sido abrigada sobre o termo mobilidade como forma de domesticação (MAFFESOLI, 2001). Nesse sentido, Cisne (2001, p. 364) considera que

a mobilidade é quase uma regra, seja pela sobreposição do movimento ao repouso; seja pela ideia de que a circulação é mais criadora do que a produção, já que o Sujeito põe-se em constante estado de fluxo.

A errância implica em aventura “que pode ser desejada, assumida ou sofrida, não tem problema. Pode ser compreendida como a modulação contemporânea desse desejo do outro lugar que, regularmente invade as massas e indivíduos” (MAFFESOLI, 2001, p. 29).

Com as diversas atribuições, como trabalhar, cuidar da casa, estudos entre outras atividades, os Sujeitos acabam reprimindo seus desejos de praticar o Turismo, que emergem para suprir a

necessidade da errância. Dentro desse contexto, o nômade pode-se considerar o oposto da sociedade, pois ele não se apega à vida rotineira, vivendo de forma sedentária; ele sempre busca por oportunidades de mobilidade, fazendo com que viva de uma forma diferenciada.

Dessa forma, os errantes urbanos “vêm a cidade como [um] campo de investigações artísticas aberto a outras possibilidades sensitivas, e assim, possibilitam outras maneiras de se analisar e estudar o espaço urbano através de suas obras ou experiências.” (JACQUES, 2005, p. 22).

## **A BUSCA POR UMA POLÍTICA PÚBLICA DE TURISMO CIDADÃO**

O exemplo da Secretaria de Turismo de Recife, por meio do programa “Olha! Recife”, revela que esse órgão entende Turismo pelo viés de Gastal (2005), ou seja, Turismo é a fuga das rotinas espaço-temporais, complementado mais tarde por Gastal e Moesch (2007) com a ideia de Turismo como a vivência de estranhamentos causados pela nova situação. Corroborando também com a concepção de políticas públicas trazidas pelas autoras de que estas devem incluir mais do que obras, serviços ou marketing promocional, seu papel é agregar valores como processos pedagógicos para elevar o nível da participação cidadã de parcela considerável e crescente da população, através do que se pode obter consciência do que se deseja de melhor para si, para a comunidade e para a cidade.

Ao se falar em cidadania, o senso comum logo tende a estabelecer relações com o direito ao voto. No entanto, Gastal & Moesch (2007, p. 31) explicam que

o pleno exercício da cidadania supõe direitos cívicos, direitos políticos (participação no poder por meio do direito de associação, de livre expressão e de práticas políticas), direitos sociais (regulação do trabalho, aposentadoria, alimentação, habitação, saúde e educação) e direitos culturais. Seria, ainda, uma estratégia de luta para uma nova sociedade.

Políticas Públicas para o Turismo seria, segundo elas, qualquer ação pública em prol da cidadania e desta associada ao Turismo. Quando se trata deste assunto é importante que se tenha em mente que estas devem ser uma constante no planejamento das administrações públicas, sem ignorar as transformações sócioespaciais, ainda que estas precisem ser premeditadas (CRUZ, 2002).

De acordo com a Organização Mundial de Turismo (apud CRUZ, 2002) a política pública é importante para o bom desempenho da atividade turística; se comparadas com outros setores, vê-se que as políticas de turismo são mais complexas uma vez que há uma variedade de setores que compõem o Turismo, o que amplia o processo de tomada de decisões, pois cada setor

precisa ser avaliado conforme suas peculiaridades e, além disso, o Turismo é heterogêneo, o que faz com que haja maiores problemas para as administrações públicas em função da coordenação do mercado.

Segundo Gastal e Moesch (2007) quando as políticas públicas de Turismo envolvem e consideram a população local, essa comunidade passa a valorizar mais seus recursos naturais e culturais, pois desenvolvem um sentimento de pertencimento, o que eleva seu grau de cidadania. Nas palavras das autoras:

As pessoas, moradoras ou usuários da cidade, fazem parte dos fluxos que percorrem esses espaços. Colocar os moradores das cidades em movimento – assumindo sua condição de fluxos – para fora de suas práticas rotineiras será uma prática a ser incentivada, num mundo marcado pelos novos nomadismos. Este movimento irá transformar pessoas em turistas que irão, no deslocamento, apropriar-se com maior competência dos espaços e situações, num novo exercício de cidadania. (GASTAL & MOESCH, 2007, p. 59-60).

Isso significa que ao se deslocarem pela cidade em movimentos de fuga espaço-temporais, os sujeitos, autóctones ou não, tornam-se turistas que, por meio do deslocamento, apropriam-se dos fixos e fluxos em um exercício de cidadania. Esse Sujeito, ao aprender sobre os fixos do lugar, deve buscar apreender os fluxos, dentre o qual está a sua própria condição de errante urbano, donde ao expressar sua subjetividade forma-se como cidadão ao responsabilizar-se pela cidade, suas paisagens, sua cultura, seus fixos e seus fluxos.

Disso emerge, segundo Gastal e Moesch (2007), a noção de turista cidadão, que se constrói pelo envolvimento do habitante no desenvolvimento de um relacionamento diferente, no seu tempo de lazer, com o local onde mora. Gerando, através do ócio criativo, valores pessoais, motivado pelo estranhamento. Este, por sua vez,

implicaria em incentivar a leitura não-verbal como uma estratégia de destruição, na cidade, do seu sistema de ordem, estabelecido ante olhares sem inquietação. A destruição da ordem dada seria capaz de produzir um afastamento da cidade como espaço cotidiano, rotineiro e ao qual se está habituado. Não é possível ler o que não se consegue estranhar. Essa distância estratégica entre o usuário leitor e seu espaço diário na cidade permite-lhe ler, ver e descobrir. [grifo das autoras] (GASTAL & MOESCH, 2007, p. 61).

Ao trabalhar o incentivo a leitura dos fluxos, tendo por base o conhecimento dos fixos, pode-se agregar valores, novas visões e ainda sentimentos errantes que podem ser adquiridos, tudo isso através de Políticas Públicas que trabalham a formação do cidadão, trazendo os escritores, personagens de sua própria história.



## ERRÂNCIA URBANA, COMUNICAÇÃO E FLUXOS PSICOEMOCIONAIS

Para que se possa discutir Comunicação, buscou-se aporte em Castrogiovanni (2007, s/p) que explica que devemos compreendê-la “como a comunicação de informação às pessoas ou grupos que podem entender o que significa a informação. Compreende a transmissão de idéias e informações e, está associada ao conhecimento”. A partir disso pode-se concluir que quando se fala de comunicação, está se fazendo alusão ao fator essencial para desenvolvimento de novos pensamentos e formações de opiniões, e a mesma está ligada ao conhecimento, que juntos formam a conscientização sobre determinado espaço, ação, ou entre outros objetos que são dignos de serem contemplados.

Para que essa conscientização possa acontecer é necessário que a informação transmitida transforme-se em conhecimento, quanto a isso Castrogiovanni (2007, s/p) explica que

com relação à comunicação, o conhecimento é necessariamente a tradução em signos/símbolos e em sistemas de signos/símbolos. A tradução construtora ocorre a partir de princípios/regras que permitem construir sistemas cognitivos, articulando informações/signos/símbolos.

Para essa tradução de signos para construção de significados, busca-se aporte na interpretação do patrimônio, metodologia que culmina no processo de sensibilização turística. Ou seja, a comunicação se dá através das informações passadas durante a integração dos turistas com o Espaço, por meio do compartilhamento de conhecimentos, valores e ideias, nas quais são reveladas as significações; a partir disso, constroem-se princípios de fruição psicoemocionais, impulsionado principalmente pela errância urbana, que quando combinados possibilitam uma construção de uma nova realidade, visões e necessidades características ao errante.

No âmbito do turismo, as ações de comunicação voltadas para a sensibilização, são de suma importância, pois são elas que possibilitam ao turista adquirir novas ideias e pensamentos, favorecendo assim a formação do sentido de Lugar, ou seja, de construção de identidade com o Espaço. Processos de sensibilização são eminentemente processos comunicativos, por meio do qual as pessoas passam a enxergar e perceber determinados locais de maneira diferente, construindo outra visão do Espaço, culminando na sedução por aquilo que não conheciam e passam a valorizar o Lugar ao qual pertencem.

Freitag (apud BANDEIRA, 2008, p. 04) afirma que “a cidade é plural [...] não é somente unidade espacial, ela é produtora de cultura, com relações sociais, normas, valores próprios”. Esses valores apontados pelo autor correlacionam o desejo das pessoas em desvendar a cidade,

através de novos hábitos, como por meio da errância urbana, por exemplo; o costume de estar bem espiritualmente, ter um conhecimento melhor tanto de si como do território, ser andarilho, gera relações sociais em meio ao deslocamento, o que agrega valores próprios aos indivíduos, podendo proporcionar fruição psicoemocional.

## ANÁLISE DE DADOS

A maioria dos entrevistados tem entre 18 e 29 anos (44,9%) ou entre 30 e 50 anos (38,2%); tem ensino superior completo, incompleto ou pós-graduação (73%); tem renda familiar de até 2 salários mínimos (46,1%), de 2 a 4 salários (22,5%) ou de 4 a 10 salários mínimos (13,5%).

O método tipológico propõe a separação do objeto estudado em uma relação dialógica entre modelo ideal e real. A fim de estabelecer esta comparação apresentam-se as tabelas 01, 02 e 03.

<b>Categoria analítica</b>	<b>Modelo ideal</b>	<b>Ocorrências<sup>5</sup></b>	<b>Modelo Real</b>	<b>Ocorrências<sup>5</sup></b>
<b>Uso do tempo livre*</b>	Saindo com amigos	47	Usando redes sociais	31
	Passeando pela cidade	55	Assistindo TV	25
	Indo ao cinema ou teatro	40	Navegando na internet	35
	Praticando esportes	15	Lendo	3
			Passeando com a esposa	1
			Ir a Igreja render um culto a Deus	1

**Tabela 01:** Utilização do tempo livre declarado pelos sujeitos da pesquisa.

**Fonte:** Os autores, 2016.

\* Foi possível optar por mais de uma atividade.

Tendo por base o uso do tempo livre declarado pelos sujeitos da pesquisa, pode-se concluir que muitos deles aplicam seu tempo livre em atividades que proporcionam o fazer, o pensar e o sentir ativo, ou seja, em atividades que podem proporcionar fluidez psicoemocional, expressas no modelo ideal da tabela 01. Dentre elas, porém, a prática de esportes, apontada Csikszentmihalyi (2009) como sendo uma das atividades que melhor pode impulsionar o estado de fluxo, foi a atividade que teve menor ocorrência no modelo ideal. O autor explica que a prática esportiva requer que toda a atenção esteja envolvida na atividade, requerendo o estabelecimento de intenções claras e também a superação pessoal, características fundamentais para o desenvolvimento do estado de fluxo.

No entanto, os dados igualmente revelam que os entrevistados também se dedicam às atividades que possibilitam utilização menos ativa do tempo livre e que não proporcionam ócio

<sup>5</sup> Em número absoluto.

criativo, abrindo portas para a constituição de ansiedade frente ao cotidiano e imersão em tédio, conforme expresso no modelo real da tabela 01.

Categoria analítica	Modelo ideal	Ocorrências <sup>5</sup>	Modelo Real	Ocorrências <sup>5</sup>
Oportunidades possibilitadas pelo Olha! Recife*	Autodesenvolvimento	22	Momento de descanso	15
	Superar um desafio pessoal	3	Lazer e entretenimento	49
	Experiências capazes de agregar valores pessoais	38	Sentir-se parte do contexto geográfico e social	1
	Novos conhecimentos	63		
	Experimentar a cidade através do fazer, do sentir e do pensar.	30		
	Novos olhares sobre a cidade	37		

**Tabela 02:** Oportunidades possibilitadas pelo Olha! Recife declarada pelos sujeitos da pesquisa.

**Fonte:** Os autores, 2016.

\* Foi possível optar por mais de uma atividade.

A tabela 02 revela o alto índice de ocorrências no modelo ideal, quando se trata das oportunidades proporcionadas pelo “Olha! Recife”. Os novos conhecimentos, importante no processo de comunicação, tiveram o maior número de ocorrência (70,78%). Este dado revela que a comunicação é inerente ao Programa, fazendo com que novos conhecimentos acerca da cidade venham a emergir.

No que tange à errância, vê-se a ocorrência de “experimentar a cidade através do fazer, do sentir e do pensar” (33,7%) e “novos olhares sobre a cidade” (41,57%). Considera-se que estas ocorrências foram baixas, tendo em vista que o programa promove o vagar pela cidade, proporcionando olhá-la sob o viés turístico, com mediação do guia de turismo. Esse dado permite concluir que o Programa promove o fluir pelo Espaço, mas no que se refere à errância, esta ainda não foi plenamente alcançada pelo “Olha! Recife”, uma vez que, a errância, conforme propostas por Maffesoli (2001), transcende o mero vagar pela cidade ou o desejo de sair pelo mundo; ela se constrói através de uma comunhão do bem-estar com a espiritualidade do Sujeito, pelo agregar certa liberdade, na qual o proporciona uma nova experiência e novas aventuras.

Referente ao fluxo psicoemocional vê-se que as opções que estão estreitamente vinculadas a essa categoria tiveram as mais baixas ocorrências do modelo ideal “superar um desafio pessoal” (3,37%) e autodesenvolvimento (24,71%). Assim como já expresso na tabela 01, quando se identificou que há a ocorrência de atividades de fluxo, mas não se identifica que o Programa em si seja capaz de promover tal estado; aqui, os dados corroboram com o que fora

exposto anteriormente. Isso significa dizer que as experiências proporcionadas durante o “Olha! Recife” são experiências ordinárias, que não produzem estados de fluidez, o que pode estar relacionado aos limites impostos pelos próprios turistas quanto às possibilidades de vivência durante o Programa.

<b>Categoria analítica</b>	<b>Modelo ideal</b>	<b>Ocorrências<sup>5</sup></b>	<b>Modelo Real</b>	<b>Ocorrências<sup>5</sup></b>
<b>Sentimentos ao realizar os passeios*</b>	Com espírito andante	13	Alegre pelo tempo compartilhado na cidade	24
	Com curiosidades incomuns	9	Indiferente	0
	Com desejo de desvendar a cidade	40	Arrependido	0
	Possibilidade de estudar e analisar o espaço urbano	22	Cansado	0
	Construindo um sentimento de pertencimento à cidade	22	Decepcionado	0
	Familiarização com o território	21	Grato pela possibilidade de lazer gratuito	16
	Cidadão recifense	21	Com vontade fazer outros roteiros	51
			Trabalhando a solidariedade na medida em que também estamos doando gêneros alimentícios.	1

**Tabela 03:** Sentimentos ao realizar os passeios declarados pelos sujeitos da pesquisa.

**Fonte:** Os autores, 2016.

\* Foi possível optar por mais de uma atividade.

No que se refere aos sentimentos que emergem da participação nos roteiros do Programa, vê-se que a maior ocorrência está no modelo real: “com vontade de fazer novos roteiros” (57,3%). A gratidão pela opção de lazer gratuito junto à alegria pelo tempo compartilhado na cidade somam 46,93% das ocorrências no modelo real.

Concernente ao modelo ideal, as opções “construindo um sentimento de pertencimento à cidade”, agregado à “familiarização com o território” e à noção de “cidadania recifense” somam 71,89%. Esses números apontam para o fato de que o órgão público atende aos seus objetivos propostos pelo Programa.

As categorias vinculadas à errância urbana, sentimento de espírito andante (14,6%), curiosidades incomuns em relação à cidade (10,11%), desejo de desvendar a cidade (44,94%) e possibilidade de estudar e analisar o espaço urbano (24,71%), somam 94,38% das ocorrências. Dado importante, pois revela que embora a pulsão da errância, conforme proposta por Maffesoli (2001) não seja despertada no turista cidadão que participa do Programa, traços da errância urbana estão fortemente presente; o que também pode ser observado pelo fato de que,

comparativamente, o modelo ideal teve maior número de ocorrências (127) do que o modelo real (92).

No entanto é importante ressaltar que, isoladamente, as categorias eminentemente vinculadas à errância urbana têm baixa ocorrência. Cabe retomar a ideia de que a errância urbana se faz não apenas pela pulsão da errância, pelo desejo de vagar, mas junto a isso se deve ter curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, capazes de despertar para o flunar pelo Espaço Urbano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as análises feitas pode-se concluir que muitas das pessoas que participam do “Olha! Recife” praticam o ócio criativo (157 ocorrências em tais atividades), tendo havido uma diferença de 61 ocorrências entre esse tipo de atividades e aquelas passivas. Esse número revela que esses sujeitos praticam atividades passíveis de geração de estado de fluidez; ainda assim, não é possível afirmar que o Programa gere tal estado psicoemocional nos participantes. Os dados também revelam que o “Olha! Recife” promove o Fluir pelo Espaço Urbano, ainda que não desperte para a pulsão da errância e para a errância urbana. O Fluxo Geográfico gerado pelo Programa desperta nesses sujeitos a identidade de turistas cidadãos, fazendo com que os objetivos do Programa sejam plenamente alcançados.

Vale a pena ressaltar que a atividade de uso de tempo livre de maior ocorrência foi a “passeando pela cidade”. Esta atividade além de poder proporcionar estado de fluxo também é relevante aspecto que aponta para o sentido de errância urbana, se acompanhada pelo desejo de desvendar a cidade. Julga-se também necessário que se indique que, segundo Csikszentmihalyi (2009), o estado de fluxo somente poderá ser alcançado quando o indivíduo tem uma intenção clara sobre a atividade a ser realizada. Sendo assim, o Fluxo pelo Espaço Geográfico quando acompanhado apenas pelo vagar pela cidade, sem intenções claramente estabelecidas, é insuficiente para a geração de fluidez psicoemocional.

Ao término desta investigação foi possível concluir, com base no programa “Olha! Recife”, que as Políticas Públicas de Turismo voltadas para os autóctones promovem o fluxo urbano, ainda que não sejam capazes de gerar a errância urbana ou ainda fluxos psicoemocionais, mesmo que os turistas cidadãos envolvam-se em atividades capazes de despertar tal estado; isso porque para que o estado de fluxo seja gerado é necessário que intenções claras sobre a atividade realizada sejam previamente estabelecidas.

Para que a errância urbana e o estado de fluxo sejam alimentados durante o Programa seria necessário estreitar ações de comunicação voltadas para a interpretação do patrimônio, para que se seja capaz de conduzir olhares pela cidade, relevando os significados dos signos observados, gerando percepções de prazer pela descoberta e pelo conhecimento, alimentados pela curiosidade. Para tanto, seria igualmente necessário que antes da saída para a visita, o grupo fosse convidado e estimulado a encontrar intenções de desafios pessoais a serem ultrapassados durante o passeio; tais ações requerem o redimensionamento da concepção de Turismo tornando os Fixos meios para que os fluxos (espaciais e psicoemocionais) possam tornar-se os fins; para que assim, por meio da atividade turística, inclusive do turismo cidadão, se possam gerar autodesenvolvimento e consciência cidadã.

Esse pensamento é importante para a garantia da bem estar mental dos moradores da cidade, ao reduzir, por meio da atividade turística, a ansiedade do trabalho cotidiano e eliminando o tédio durante as atividades de ócio criativo. Some-se a isso o fato de que o melhor do potencial humano se realiza quando o Sujeito não tem nada para fazer.

Aliada à errância urbana, por meio da qual o Sujeito busca construir o sentido de Lugar através de Fluxos pelo Espaço Urbano, donde emerge o sentimento de pertencimento, possível pela familiarização com o território, a fruição psicoemocional poderia ser gerada quando o turista cidadão tivesse claro para si mesmo que este vagar pela cidade não seria o fim, mas um meio para a construção de sua pulsão da errância, que alimenta o desejo errante pelo próprio Lugar.

Tendo em vista que o programa “Olha! Recife” se desenvolve tendo como plano de fundo roteiros turísticos, é necessário que se compreenda que muito embora, como explica Cisne (2011), o roteiro seja autônomo, deixando-se ir com o fluxo, pela percepção do errante que o materializa quando em movimento, ele é também possuído desejo do errante de Outro Lugar; mas pensar roteiro para o para o errante urbano, é pensar que seu desejo não é o outro lugar, mas a construção do seu próprio lugar através da vivência da sua cidade por meio de fluxos turísticos. É por meio da familiarização com o território, criando sentimentos de pertencimento e de identidade com os fixos presentes no espaço urbano que se pode, finalmente, lugarizar-se.

## REFREÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Milena Berthier. Imaginário: ressignificando a cidade para o turismo. In: V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL. **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2008. Disponível em:

<[http://www.ucs.br/ucs/tplVSEminTur%20eventos/seminarios\\_semintur/semin\\_tur\\_5/trabalhos/arquivos/gt09-12.pdf](http://www.ucs.br/ucs/tplVSEminTur%20eventos/seminarios_semintur/semin_tur_5/trabalhos/arquivos/gt09-12.pdf)>. Acessado em 20/mai/2016.

- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. O lugar da geografia no entre-lugar do espaço turístico: Uma viagem complexa. In: IX Coloquio Internacional de Geocrítica. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2007. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/9porto/castroge.htm>>. Acessado em 20/mai/2016.
- CISNE, Rebecca. Por um pensar complexo do turismo: O roteiro turístico sob a lógica dos fluxos. In: **Revista Rosa dos Ventos**. Vol. 3, n. 3, 2011. Disponível em: <[http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/946/pdf\\_56](http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/946/pdf_56)>. Acessado em: 20/Nov/2015.
- CRUZ, Rita. Políticas Públicas de Turismo no Brasil: Significado, Importância, Interfaces com outras Políticas Setoriais. In: SOUZA, Maria José de. **Políticas Públicas e o Lugar do Turismo**. Brasília: UNB, 2012.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **Aprender a fluir**. Barcelona: Editorial Kairós, 2009.
- DE MAIS, Domenico. **O ócio criativo**: entrevista à Maria Serena Palieri. Rio de Janeiro: Sexante, 2000.
- GASTAL, Susana. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005.
- GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Recife: Atlas, 2010.
- JACQUES, Paola Berenstein. Errâncias urbanas: a arte de andar pela cidade. In: Arqtexto (UFRGS), Porto Alegre, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MARCONI, Maria; LAKATOS, Eva. **Fundamentos de metodologia científica**. Recife: Atlas, 2010.
- MICHEL, Maria Helena. **Metodologia da pesquisa científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2005.
- OLHA RECIFE. **O programa**. Disponível em: <<http://www.olharecife.com.br/projeto.php>> Acessado em: 12/Nov/2015.
- OLHA RECIFE. **Roteiros**. Disponível em: <<http://www.olharecife.com.br/roteiros.php?menu=menuPe>> Acessado em: 12/Nov/2015.
- TURNER, Victor. The Anthropology of Performance. In: **The Anthropology of Performance**. New York: PAJ Publications, 1987.